

ROLIMÃ, JOGOS E BRINCADEIRAS

Luciane Aparecida Herreiro Mítica
Fundação CASA

RESUMO:

Através dos momentos de formação continuada na área de educação física, promovidos pela supervisão da Fundação CASA, na região de Campinas, buscou-se desenvolver nas aulas de educação física, em um Centro de Atendimento de medida socioeducativa de internação, com jovens autores de atos infracionais, uma aproximação com o currículo cultural e a mudança na perspectiva do esportivismo para uma prática de fato significativa para os jovens. Nesta perspectiva, a partir dos desdobramentos e diálogos destes encontros, traçou-se um projeto para trabalhar jogos e brincadeiras de rua com os adolescentes, culminando na construção de carinhos de rolimã e na participação em um evento realizado no município de Vinhedo chamado de “passeio de rolimã” e aberto a toda população. O projeto foi desenvolvido no primeiro trimestre de 2018 e contou com a participação de 12 adolescentes do Centro de Atendimento, na turma de educação física que ocorria duas vezes semanais, no período noturno. A finalidade do projeto foi resgatar a memória dos adolescentes, no que se refere aos jogos e brincadeiras de rua e desmistificar outras práticas corporais no interior da Instituição e entre os participantes (adolescentes que cumprem medida de privação de liberdade), cuja visão de “Homem” dos mesmos impõe que não é mais possível brincar com brincadeiras de crianças e sim somente jogar “futebol de cadeia”, com regras próprias e muitas vezes decididas no grito ou na primeira iniciativa em próprio favor. Ao longo do desenvolvimento da proposta, observou-se a desconstrução da concepção dos adolescentes de que nesta fase de suas vidas, só é possível praticar determinados jogos aceitos pelo coletivo e que seria possível vivenciar fora da Instituição um evento público e gratuito com abrangência intermunicipal, além da quebra de paradigma com a utilização de diversas ferramentas como: martelo, grosa, serra de arco, serrote, furadeira e etc, para a construção do carrinho de rolimã.

Palavras-chave: educação física; jovens autores de atos infracionais; Fundação CASA

APRESENTAÇÃO

A partir dos investimentos realizados pela supervisão da Fundação CASA, na região de Campinas, em promover espaços de formação continuada na área de educação física e esportes, houve provocações no sentido de qualificar a atuação docente neste segmento. Estes espaços fomentaram o debate, a troca de experiência e mudança de concepção de alguns profissionais dentro da atuação na medida socioeducativa. Em uma das reuniões foi realizado, pelos profissionais, um mapeamento das práticas corporais realizadas e conhecidas pelos adolescentes dos Centros que compõem a Divisão Regional. Este movimento fez com que, além de resgatar certas práticas corporais dos próprios jovens, os professores revisitassem as práticas experienciadas ao longo de sua formação pessoal e profissional. Os professores, ao fazerem o levantamento sobre as práticas, dialogaram sobre a possibilidade de trabalhar o tema do carrinho de rolimã dentro da Fundação CASA. A partir deste diálogo e da busca de aproximação com o currículo cultural em educação física, objetivou-se tematizar esta prática corporal no primeiro trimestre de 2018 em um Centro de Atendimento Socioeducativo de internação, no município de Campinas, sob a perspectiva do tema “jogos e brincadeiras de rua”.

No entanto a proposta da educação física na Fundação CASA tem um cunho mais esportivista e o que se observa é a reprodução de conteúdos muitas vezes já experienciados pelos adolescentes na educação física escolar. Isto muitas vezes acarreta no adolescente, na Fundação CASA, a sensação de enxergar nas práticas de educação física um espaço para “distrair a mente”, sendo que o conteúdo, na visão deles, deve ser sempre o “futebol de cadeia”.

Essa tarefa de aproximar a educação física da proposta cultural se mostrou desafiadora, pois, mais do que diversificar os conteúdos a serem trabalhados durante as aulas, entende-se que eles devem fazer sentido aos adolescentes para que a aprendizagem seja significativa.

As práticas corporais dentro da socioeducação possuem seus próprios códigos e funções e isto pode ser objeto de análise para a construção de novos saberes, fato este que não é o foco deste projeto.

Por meio dos encontros formativos mensais realizados pela DRMC – Divisão Regional Metropolitana Campinas -, entendemos que foi produzida uma reflexão crítica sobre as práticas corporais realizadas dentro dos CASA's. Esta ação foi constituída de forma democrática sem imposição, em que o estabelecimento do diálogo com (e entre)

os professores possibilitou a troca de experiências e a abertura de novos espaços para a abordagem cultural que, aos poucos vem ganhando credibilidade e sendo introduzida na prática dos profissionais de educação física.

Desde que esses encontros foram iniciados, senti-me desafiada a repensar sobre minha prática realizada atrás das “muralhas”. O desafio muitas vezes se viu acompanhado de sentimentos contraditórios devido à minha formação em educação física ter sido de cunho técnico e esportivista.

Diante da dificuldade de envolver os adolescentes nas práticas corporais realizadas durante as aulas cotidianas, a proposta da educação física cultural me encantou, quando diz que não se pretende que todos os participantes de uma mesma turma participem fazendo da mesma maneira, respeitando as singularidades de cada um e, assim, respeitando o princípio da justiça curricular e da busca por evitar o daltonismo cultural (STOER; CORTESÃO, 1999).

Muito bem! E agora? Estamos dentro de uma Instituição que tem o papel de executar a privação de liberdade do adolescente, quando verificada a prática do ato infracional, ou seja, a medida socioeducativa de internação. Ou seja, trata-se de um espaço complexo e que se estrutura em ações cotidianas que visam minimizar toda e qualquer situação de risco.

Para desenvolver a proposta do carrinho de rolimã, preocupou-me as limitações institucionais sobre o uso de alguns materiais, de aceitação da própria proposta pela equipe gestora e demais funcionários do CASA. Não sabia se, diante do grande desafio que este projeto provocava, acolheriam a ideia de construir um carrinho de rolimã com materiais como caibros, madeiras, pregos, parafusos e ferramentas.

Sabíamos que o desenvolvimento da proposta da construção do carrinho de rolimã deveria respeitar os pressupostos da Fundação CASA, especialmente no que tange às diretrizes e aos procedimentos de segurança da Instituição. Para isso, eu deveria fortalecer os processos educativos junto aos adolescentes, a fim de que o projeto fosse possível e ocorresse de forma segura. Se eu conseguisse, isso fatalmente mudaria muitas concepções dentro da Fundação CASA e elevaria o nível de confiança dos servidores que poderiam acreditar em práticas inovadoras e, ao mesmo tempo, “inusitadas” para o contexto onde se desenvolveriam.

O projeto foi desenvolvido no primeiro trimestre de 2018 e contou com a participação de 12 adolescentes do Centro de Atendimento, localizado na região de Campinas. A turma de educação física ocorria duas vezes por semana, no período

noturno. A finalidade do projeto foi resgatar a memória dos adolescentes, no que se refere aos jogos e brincadeiras de rua e desmistificar outras práticas corporais no interior da Instituição e entre os participantes (adolescentes que cumprem medida de privação de liberdade), cuja visão de “Homem” dos mesmos impõe que não é mais possível brincar com brincadeiras de crianças e sim somente jogar “futebol de cadeia”, com regras próprias e muitas vezes decididas no grito ou na primeira iniciativa em próprio favor.

Nossa primeira aula foi realizada na sala de informática, iniciei o mapeamento do conhecimento prévio dos adolescentes sobre as brincadeiras e jogos vivenciados pelos mesmos em suas “quebradas”. Realizadas as devidas anotações, alguns brincaram e outros quase não tinham experiências nenhuma em sua infância, fato esse que nos entristece, muitos começam precocemente no tráfico e perdem esta fase de suas vidas.

Contei um pouco das brincadeiras do meu tempo de criança, e eles observaram que algumas não mudaram, inclusive que tinham brincado com elas também.



Conceituamos o que eram jogos, brincadeira e esporte, e falamos sobre os carrinhos de rolimã e quem tinha brincado com eles.

Para tematizar o assunto foi utilizado à edição do Fantástico do dia 11 de dezembro de 2016 que falava do maior carrinho de rolimã do Brasil. Essa matéria, de Maurício Kubrusly, mostra que idade não é limite para brincar, ajudando a desconstruir a ideia de que certos tipos de brincadeiras são somente para crianças. Foi lançado então um desafio para os participantes: construir um carrinho de rolimã. Isso deixou a turma empolgada com a possibilidade. Nosso primeiro passo foi o projeto (desenho) para a execução do mesmo, e a pergunta feita por eles foi: “Será que vão deixar a gente fazer? Precisa de um monte de coisas”.

Como as aulas seriam divididas entre a construção do carrinho e atividades práticas realizadas na quadra, nossa aula seguinte foi iniciada com uma roda de conversa para escolhermos quais brincadeiras iríamos fazer durante essas aulas.

E muitas foram recordadas e contadas em meio aos risos e se vangloriando de seus feitos na infância, falando que era o melhor...pular corda, passar por baixo ou saltar altura, elástico, bolinha de gude, amarelinha, detetive/assassino e vítima, stop, soltar pipa entre tantas outras e algumas acrescentadas como terra/mar, barra manteiga e etc..

Dentre as citadas a amarelinha causou certa polêmica, pois alguns consideravam como brincadeira de menina e outros participantes mais corajosos disseram ter jogado, ocorrendo uma divisão de opiniões, nesse momento pudemos refletir se existem brincadeiras somente para meninos ou para meninas.

E a pergunta que não quer calar era sempre repetida – “nós vamos mesmo fazer o carrinho? Quando a gente vai começar? A senhora conseguiu as coisas”?



Entre o intervalo de uma aula e outra, procurava materiais recicláveis e solicitava aos amigos a ajuda para conseguir os rolimãs e ferramentas para dar início ao carrinho. Bom, quase tudo certo...confere, anota tudo para entrar no Centro de Atendimento, confesso que estava também ansiosa por esse momento, assim como eles,

de colocar a mão na massa. Tudo conferido por eles também, pois a responsabilidade dos materiais seria de todos e na saída é tudo conferido novamente.



Resolvemos que faríamos com pallets os carrinhos e assim foi...



Desmontagem dos pallets

Tudo foi realizado através da tentativa de erro e acerto, a base feita de pallets, não deu certo, quando fomos cortar a frente às ripas não ficaram firmes, e tivemos que buscar outra alternativa, até que encontramos um material de descarte que deu certo.



Na continuidade, a fim de situar os adolescentes sobre a história do rolimã, iniciamos uma discussão sobre a origem e como essa brincadeira apareceu aqui no nosso país.

Explicando que crianças em Dayton, Ohio, fabricavam seus próprios carrinhos, com o objetivo de participar do derby da caixa de sabão (Soap Box Derby) se popularizando posteriormente em todo o EUA.

Embora, sem precisão, o surgimento no Brasil, nas ruas de cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e etc., remota as décadas de 60 e 70 provavelmente influenciados pelo que se via em filmes norte-americanos.

Após a discussão, voltamos à montagem e a vontade de experimentar foi grande, principalmente por parte do grupo que não tinha tido a experiência na infância, que antes mesmo de fixar os caibros com as rolimãs na base saíram testando no espaço em que estávamos.

Durante as aulas foi possível observar que quando há um conteúdo significativo existe cooperação, compartilhamento de experiências.

E finalmente



Contribuindo ainda para o aumento das informações sobre “Jogos e Brincadeiras de Rua”, foi apresentado o vídeo “Taca le Pau Marcos Véio” postado em 2014 e facilmente encontrado na internet. Terminada a visualização, discutimos quais eram os materiais utilizados na nossa região e em Taió-Santa Catarina, para quem é esse tipo de brinquedo, a valorização do conhecimento cultural e sua importante transmissão para a próxima geração, aproveitando para refletirmos que nem todos do grupo haviam brincado com o carrinho de rolimã.

Afim de promover a ampliação do conhecimento, os nomes dos participantes foram levados para uma reunião, com o objetivo de selecionar três adolescentes para participarem de um evento realizado no município de Vinhedo chamado de “passeio de rolimã” e aberto a toda população. Tínhamos três participantes e dois carrinhos, mas eles se revezaram e em alguns momentos puderam descer a ladeira todos juntos, pois o evento disponibilizava alguns carrinhos para quem não tinha.

Cheguei um pouco antes ao local que estava preparado para o evento e informei a organização da nossa participação e realizei a nossa inscrição.

Encontramo-nos lá, todos estavam ansiosos em começar a brincar.

Em uma avenida onde víamos o começo e não o final... eles subiram e desceram diversas vezes. Ao final do evento todos já estavam muito cansados e felizes, contando suas aventuras, fomos em direção a Van de transporte e nos despedimos, só nos veríamos no dia seguinte.



À noite nos reunimos para uma roda de conversa para avaliar como foi para eles a participação. Reuni as fotos tiradas durante as aulas e as do “Passeio de Rolimã” na cidade de Vinhedo, juntamente com os pequenos vídeos gravados e os meninos fizeram as apresentações aos demais. Contaram como foi participar em um lugar com outras pessoas, crianças, idosos, famílias inteiras. Discutimos como foi o passeio, e perguntei o que acharam do projeto, eles responderam de modo geral que todos gostaram e acharam bem diferente as aulas.

Devido a grande repercussão do assunto durante o dia, os outros adolescentes questionaram sobre quando eles iriam andar nos carrinhos de rolimã, então, perguntei aos participantes sobre o interesse deles em compartilhar os conhecimentos e experiências vividas por eles para os seus colegas de turmas. Alguns mais tímidos optaram por não falar, enquanto, que outros concordaram.

Todas as turmas puderam experienciar andar nos carrinhos de rolimã, mas, também queriam ver as fotos e os vídeos. Organizamos outra aula, para que todos pudessem ver as fotos e assistir aos vídeos organizados e comentados pelos participantes do projeto.



Sobre esta experiência é preciso dizer que não foi algo fácil de elaborar, mas foi possível romper com uma característica exclusivamente prática das aulas e valorizar a diversidade cultural que habita a Instituição. Diante de diversas dificuldades enfrentadas durante o processo, pudemos perceber um maior engajamento durante as práticas corporais e posteriormente observar uma mudança significativa na maioria dos participantes, explicando: quando vai para o judiciário o relatório conclusivo do adolescente, para avaliar a sua condição para a liberdade, eles normalmente rompem com as suas participações e especificamente nesse grupo isso não foi à regra e sim a exceção.

Surgiram assuntos ligados aos processos de ser homem, de reforçar valores vinculados ao mundo do crime e a conduta esperada ou determinada por eles (do que pode e não pode), como explicado por um adolescente: quando o adolescente é internado é tudo falado (como deve ser a caminhada), então ele sabe as regras desse mundo. Contudo, à medida que se sucederam as aulas, foi possível observar que os adolescentes ressignificaram seu entendimento e perceberam outras formas de educação física dentro e fora da Fundação CASA.

Esse foi sem dúvida um dos passos iniciais para a construção de um novo ensinar em Educação Física na medida socioeducativa, pois abre espaço a implementação de uma nova proposta pedagógica, podendo, portanto, ser investigada e aprimorada neste contexto.

REFERÊNCIAS

STOER, S. R. e CORTESÃO, L. Levantando a pedra: da pedagogia inter/multicultural às políticas educativas numa época de transnacionalização. Porto: Afrontamento, 1999.